

## Estudos em Escrita Criativa

Patricia Gonçalves Tenório<sup>1</sup>

Abril, 2021

### Dois tipos brasileiros

<https://www.youtube.com/watch?v=ku4YHLHkoKw>

Quando o artista plástico Candido Portinari viajou para a França com a bolsa de um prêmio, só conseguiu pintar o palaninho – um tipo do interior de São Paulo, de Brodosqui, sujeito baixo, mole, cara esbranquiçada pelo amarelão.

De certa forma, Portinari dialoga, não somente em uma de suas pinturas mais conhecidas, “Os retirantes” (1944), mas também no alter ego do palaninho, com um dos livros mais celebrados do escritor alagoano Graciliano Ramos: *Vidas secas*.

Na obra do autor nascido em Quebrangulo, conhecemos Fabiano, um tipo do sertão das Alagoas, vaqueiro, e que se muda para fugir da seca.

Arrastaram-se para lá, devagar, sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, o aió a tiracolo, a cuiá pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.<sup>2</sup>

Utilizando-se de metáforas viscerais, Graciliano vai nos revelando o poder transformador da palavra no ser vivente. Ao encontrarem uma fazenda abandonada e dela se apossarem, Fabiano tenta descobrir o que ele realmente é.

Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se. Chegara naquele estado, com a família morrendo de fome, comendo raízes. Caíra no fim do pátio, debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta. Ele, a mulher e os filhos tinham-se

---

<sup>1</sup> Escritora, vinte livros publicados, sendo um no formato de vídeo podcast, mestre em Teoria da Literatura (UFPE) e doutora em Escrita Criativa (PUCRS). Contatos: [grupodeestudos.escritacriativa@gmail.com](mailto:grupodeestudos.escritacriativa@gmail.com) e <https://www.youtube.com/estudosemescritacriativa>

<sup>2</sup> RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Posfácio: Hermenegildo Bastos. 123<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, (1938 in) 2013, p. 9.

habituaado à camarinha escura, pareciam ratos – e a lembrança dos sofrimentos passados esmorecera.

Pisou com firmeza no chão gretado, puxou a faca de ponta, esgaravatou as unhas sujas. Tirou do aió um pedaço de fumo, picou-o, fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o ao binga, pôs-se a fumar regalado.

– Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.<sup>3</sup>

Candido e Graciliano se encontram. Aquele, usando o tipo do palaninho; este, o do vaqueiro nordestino Fabiano. Os dois artistas em busca de uma carcaça poética<sup>4</sup> para descobrirem a si mesmos, os alter egos que podem experimentar o que nunca vivenciaram, porque de estratos sociais diferentes, apesar de conhecerem os tipos dos personagens profundamente bem. E vão nos convidando a penetrar em suas consciências para que nós também nos (re)conheçamos.

Se aprendesse qualquer coisa, necessitaria aprender mais, e nunca ficaria satisfeito.

Lembrou-se de seu Tomás da bolandeira. Dos homens do sertão o mais arrasado era seu Tomás da bolandeira. Por quê? Só se era porque lia demais. Ele, Fabiano, muitas vezes dissera: – “Seu Tomás, vossemecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, igualzinho aos outros.” Pois viera a seca, e o pobre do velho, tão bom e tão lido, perdera tudo, andava por aí, mole. Talvez já tivesse dado o couro às varas, que pessoa como ele não podia aguentar verão puxado.<sup>5</sup>

Fabiano deixa-se levar pelas emoções e tem dificuldades para organizar o pensamento, transformar o pensamento em palavras inteligíveis, e, com isso, se comunicar. Por causa dos grunhidos monossilábicos, da falta de temperança, o vaqueiro mete-se em briga com um soldado amarelo e vê-se aprisionado nas quatro paredes do ser.

Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo.

---

<sup>3</sup> RAMOS, Graciliano. Op. cit., (1938 in) 2013, p. 18.

<sup>4</sup> No encontro sobre a Língua Inglesa dos Estudos em Escrita Criativa On-line 2020, em *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, prefácio, organização e tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos, São Paulo, Hedra, 2010, descobrimos uma carta de John Keats para Woodhouse (1818), na qual afirma que o poeta é a mais impoética das criaturas de Deus; ele vive sempre se esvaziando de si e se preenchendo de sol, lua, rouxinóis, enfim, de poesia. Como se fosse uma carcaça.

<sup>5</sup> RAMOS, Graciliano. Op. cit., (1938 in) 2013, p. 22.

Desentupia o bebedouro, consertava as cercas, curava os animais – aproveitara um casco de fazenda sem valor. Tudo em ordem, podiam ver. Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa?

Se não fosse aquilo... Nem sabia. O fio da ideia cresceu, engrossou – e partiu-se. Difícil pensar.<sup>6</sup>

## Uma teoria das emoções

Enquanto Fabiano tem dificuldade em apurar o pensamento, sinhá Vitória, sua esposa, consegue mantê-lo fluido, capaz de reflexões complexas. É verdade que, durante o período no qual foram retirantes e passaram fome extrema, ela não conseguira pensar. Mas, ao se acomodarem na fazenda, o pensamento veio forte e pungente: ela queria uma cama de couro, igual a de seu Tomás da bolandeira.

A princípio não se incomodara. Bamba, moída de trabalhos, deitar-se-ia em pregos. Viera, porém, um começo de prosperidade. Comiam, engordavam. Não possuíam nada: se se retirassem, levariam a roupa, a espingarda, o baú de folha e troços miúdos. Mas iam vivendo, na graça de Deus, o patrão confiava neles – e eram quase felizes. Só faltava uma cama. Era o que aperreava sinhá Vitória. Como já não se estazava em serviços pesados, gastava um pedaço da noite parafusando. E o costume de encafiar-se ao escurecer não estava certo, que ninguém é galinha.<sup>7</sup>

Graciliano nos apresenta, em forma de ficção, um dos pontos centrais do Existencialismo do filósofo francês Jean-Paul Sartre. Em *Esboço para uma teoria das emoções*, parece que Sartre, ao criticar a psicologia, narra Fabiano e família, conhece Fabiano e família como a amigos próximos.

A noção de homem que ela [a psicologia] aceita é inteiramente empírica: há no mundo um certo número de criaturas que oferecem à experiência caracteres análogos. [...] Com efeito, os meios de informação que se dispõe sobre elas são mais facilmente acessíveis porque elas vivem em sociedade, possuem uma linguagem e deixam testemunhos.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> RAMOS, Graciliano. Op. cit., (1938 in) 2013, p. 35.

<sup>7</sup> RAMOS, Graciliano. Op. cit., (1938 in) 2013, p. 45.

<sup>8</sup> SARTRE, Jean-Paul. *Esboço para uma teoria das emoções*. Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, (1939 in) 2006, p. 14, colchetes nossos.

Não somente sinhá Vitória parece concatenar melhor o pensamento. O menino mais velho, a partir de uma palavra (“inferno”), desenvolve toda uma filosofia sartreana.

Estivera metido no barreiro com o irmão, fazendo bichos de barro, lambuzando-se. Deixara o brinquedo e fora interrogar sinhá Vitória. Um desastre. A culpada era sinhá Terta, que na véspera, depois de curar com reza a espinhela de Fabiano, soltara uma palavra esquisita, chiando, o canudo do cachimbo preso nas gengivas banguelas. Ele tinha querido que a palavra virasse coisa e ficara desapontado quando a mãe se referira a um lugar ruim, com espetos e fogueiras. Por isso rezingara, esperando que ela fizesse o inferno transformar-se.<sup>9</sup>

Para Sartre, assim como para Heidegger, é preciso ir às coisas mesmas, às suas essências, pois, de maneira semelhante a Fabiano na citação correspondente à nota de rodapé número 3 do nosso breve estudo, “me faça homem ao compreender-me como tal” (SARTRE, (1939 in) 2006, p. 23).

As consciências de Fabiano e sinhá Vitória dialogam sem ao menos precisarem das palavras, como se voltassem ao tempo das cavernas e se comunicassem através dos primeiros signos, símbolos, sinais.

Não era propriamente conversa: eram frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências. Às vezes uma interjeição gutural dava energia ao discurso ambíguo. Na verdade nenhum deles prestava atenção às palavras do outro: iam exibindo as imagens que lhes vinham ao espírito, e as imagens sucediam-se, deformavam-se, não havia meio de dominá-las. Como os recursos de expressão eram minguados, tentavam remediar a deficiência falando alto.<sup>10</sup>

Sartre acredita (e dessa vez Husserl também) que “*existir para a consciência é aparecer a si mesma*” (SARTRE, (1939 in) 2006, p. 24, itálico da edição). O filósofo francês não crê em Deus, numa criatura superior que conduz nosso destino, mas no próprio ser humano, cujas emoções devem ser assumidas e dirigidas para o mundo, na mais extrema solidão, mas também na mais pura liberdade.

Sendo assim, é impossível considerar a emoção como uma desordem psicofisiológica. Ela tem sua essência, suas estruturas particulares, suas leis de aparecimento, sua significação. Ela não poderia vir *de fora* à realidade humana. Ao

---

<sup>9</sup> RAMOS, Graciliano. Op. cit., (1938 in) 2013, p. 58.

<sup>10</sup> RAMOS, Graciliano. Op. cit., (1938 in) 2013, p. 64.

contrário, é o homem que *assume* sua emoção e, por conseguinte, a emoção é uma forma organizada da existência humana.<sup>11</sup>

## A casa

Graciliano Ramos nasceu em Quebrangulo, interior de Alagoas, em 1892. Aos sete anos mudou-se com a família para Viçosa. Em 1905, muda-se para Maceió por causa dos estudos, e de 1910 a 1914 reside pela primeira vez em Palmeira dos Índios, passa um ano no Rio de Janeiro, retornando em 1915 e assumindo os negócios da família.

É na rua José Pinto de Barros, número 90, centro de Palmeira dos Índios, que encontramos a sua casa-museu. Graciliano vivenciou o mais extremo isolamento social – que nós, guardadas as devidas e imensas proporções, também experimentamos durante a pandemia. No filme de mesmo nome do livro póstumo *Memórias do cárcere*,<sup>12</sup> o ator Carlos Vereza experimenta o extremo isolamento social de Graciliano na Colônia Penal de Ilha Grande, Rio de Janeiro.

[https://www.youtube.com/watch?v=p0Gy67\\_6kJc](https://www.youtube.com/watch?v=p0Gy67_6kJc)

Considerando a pandemia como uma grande metáfora da vida, encarcerados nas quatro paredes de nossos lares, conhecemos uma ínfima porção do que Graciliano sofreu na vida real, do que Fabiano experimentou aprisionado nas próprias roupas, nas quatro paredes do ser vivente da ficção.

Fabiano estava silencioso, olhando as imagens e as velas acesas, constringido na roupa nova, o pescoço esticado, pisando em brasas. A multidão apertava-o mais que a roupa, embaraçava-o. De perneiras, gibão e guarda-peito, andava metido numa caixa, como tatu, mas saltava no lombo de um bicho e voava na caatinga. Agora não podia virar-se: mãos e braços roçavam-lhe o corpo. Lembrou-se da surra que levava e da noite passada na cadeia. A sensação que experimentava não diferia muito da que tinha tido ao ser preso.<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> SARTRE, Jean-Paul. Op. cit., (1939 in) 2006, p. 14.

<sup>12</sup> *Memórias do cárcere*. 1984. 185 min. Brasil. Direção e roteiro: Nelson Pereira dos Santos. Com Carlos Vereza, Glória Pires, Nildo Parente, José Dumont, entre outros.

<sup>13</sup> RAMOS, Graciliano. Op. cit., (1938 in) 2013, p. 75.

A prisão das roupas em muito se assemelha à prisão das palavras. E quantas palavras novas para os meninos, o mais novo e o mais velho, alcançarem, e se apropriarem, nesse mundo imenso de meu Deus...

O menino mais novo teve uma dúvida e apresentou-a timidamente ao irmão. Seria que aquilo tinha sido feito por gente? O menino mais velho hesitou, espiou as lojas, as toldas iluminadas, as moças bem-vestidas. Encolheu os ombros. Talvez aquilo tivesse sido feito por gente. Nova dificuldade chegou-lhe ao espírito, soprou-a no ouvido do irmão. Provavelmente aquelas coisas tinham nomes. O menino mais novo interrogou-o com os olhos. Sim, com certeza as preciosidades que se exibiam nos altares da igreja e nas prateleiras das lojas tinham nomes. Puseram-se a discutir a questão intrincada. Como podiam os homens guardar tantas palavras?<sup>14</sup>

As palavras são prisão para Fabiano e sinhá Vitória. Lembramos as narrativas de antigos prisioneiros dos campos de concentração nazistas que o tradutor, teórico e crítico literário brasileiro Márcio Seligmann-Silva nos apresenta em *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*...

Robert Antelme abre com essas palavras o seu relato sobre a sua experiência nos campos de concentração nazistas que – na qualidade de um dos primeiros – ele redigiu já em 1947. Essa passagem descreve o campo de forças sobre o qual a literatura de testemunho se articula: de um lado, a necessidade premente de narrar a experiência vivida; do outro, a percepção tanto da insuficiência da linguagem diante de fatos (inenarráveis) como também – e com um sentido muito mais trágico – a percepção do caráter inimaginável dos mesmos e da sua consequente inverossimilhança.<sup>15</sup>

... mas as palavras são ao mesmo tempo liberdade, para Graciliano Ramos, Fabiano e sinhá Vitória.

Sinhá Vitória fraquejou, uma ternura imensa encheu-lhe o coração. Reanimou-se, tentou libertar-se dos pensamentos tristes e conversar com o marido por monossílabos. Apesar de ter boa ponta de língua, sentia um aperto na garganta e não poderia explicar-se. Mas achava-se desamparada e miúda na solidão, necessitava um apoio, alguém que lhe desse coragem. Indispensável ouvir qualquer som. A manhã, sem pássaros, sem folhas e sem vento, progredia num silêncio de morte. A faixa

---

<sup>14</sup> RAMOS, Graciliano. Op. cit., (1938 in) 2013, p. 82.

<sup>15</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. 1ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2017, p. 46.

vermelha desaparecera, diluíra-se no azul que enchia o céu. Sinhá Vitória precisava falar. Se ficasse calada, seria como um pé de mandacaru, secando, morrendo.<sup>16</sup>

### Filmes sobre Graciliano Ramos e a Escrita Criativa

- 1) *Vidas secas* (1963): <https://www.youtube.com/watch?v=m5fsDcFOdwQ>
- 2) *São Bernardo* (1971): <https://www.youtube.com/watch?v=2Uu43gZZ44>
- 3) *O universo Graciliano* (2013):  
<https://www.youtube.com/watch?v=coDCmZdqMg>

### Exercício de desbloqueio

Trazendo a experiência de esgotamento das palavras diante das quatro paredes da prisão de Graciliano Ramos, tanto na ficção de *Vidas secas*, quanto na não ficção de *Memórias do cárcere*, escrevam, filmem, desenhem, gravem a própria voz de produções realizadas em suas casas durante o período da pandemia de Covid-19.

---

<sup>16</sup> RAMOS, Graciliano. Op. cit., (1938 in) 2013, p. 120.